

INTRODUÇÃO

O estudo da linguagem, há pouco menos de dois séculos, ganhou um enfoque diferente àquele dado à mesma antes deste momento. Contudo, mudanças ainda mais substanciais ocorrem, a partir da segunda metade do século passado, quando surge a Gramática Gerativa. Tendo em vista essa perspectiva, esse artigo tem como objetivo fazer o traçado teórico da abordagem racionalista para os estudos lingüísticos, além de mostrar brevemente a evolução histórica do quadro da Gramática Gerativa, dando ênfase às mudanças ocorridas do modelo de Princípios e Parâmetros para o Programa Minimalista.

A FACULDADE DA LINGUAGEM: UMA ABORDAGEM RACIONALISTA PARA OS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

A ânsia de desvendar os segredos da linguagem humana não constitui, segundo Chomsky(1997), uma preocupação dos estudiosos modernos ou contemporâneos, dentre os quais se incluem os lingüistas, tendo em vista já ser esse um legado da Antigüidade Clássica. Entretanto, o estudo lingüístico sob um olhar racionalista é o resultado de um programa de pesquisa empreendido pela Gramática Gerativa há quase cinqüenta anos. Até então, as pesquisas lingüísticas norteavam-se pela influência teórica da corrente comportamentalista ou behaviorista. Os partidários dessa corrente acreditavam que a capacidade de fazer uso da linguagem verbal fosse fruto da aprendizagem. Além disso, eles fundamentavam sua teoria em argumentos de cunho social: o ser humano vive em sociedade e, em virtude disso, necessita de se comunicar. Isso ocorre, porque para eles

os seres humanos vivem em comunidades sociais; a linguagem é um instrumento essencial na vida social das mulheres e dos homens; logo, a explicação última das propriedades da linguagem tem a ver com seu funcionamento social; em última instância, é um produto *convencional* da cultura dos seres humanos vivendo em sociedade, e não um produto *natural* as sua organização mental. (RAPOSO, 1992: 26)

Fica claro nessa passagem que prevalecem os argumentos sociais para se explicar a linguagem. A língua, na concepção exposta, é tomada como um instrumento de comunicação e aprendida, de acordo com Skinner (1974), por um mecanismo de estímulo-resposta.

Chomsky (1997), por outro lado, concebe a língua¹ como um fenômeno individual, um sistema inato², determinado biologicamente representado na mente/cérebro de cada indivíduo. Na

* Mestre em Lingüística pela Universidade Federal de Uberlândia e professor da Academia da Força Aérea – AFA – E-mail: doconnell@prove.ufu.br

¹ Na teoria chomskyana, é necessário fazer a distinção entre língua-I e língua-E. Brevemente, diz-se que a primeira é um sistema cognitivo composto de um léxico e um sistema de regras (Sistema Computacional); enquanto que a língua-E são conjuntos de frases gramaticais de uma língua, ou seja, o caráter externo da mesma.

² Levanta-se que esse é um argumento vazio, pelo fato de que, talvez, ele seja tomando pela falta de consistência em afirmar algo cientificamente comprovado.

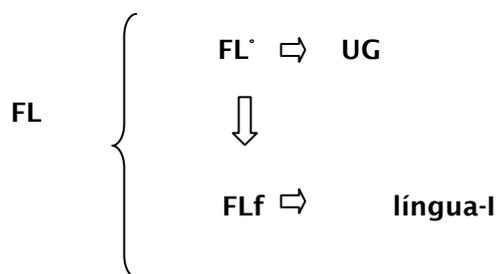
concepção chomskyana, a língua pode ser entendida como um fenômeno social apenas pelo fato de ser partilhada por todos os membros da espécie. Dessa forma, opondo-se aos trabalhos até então empreendidos, em 1957, Chomsky apresentou a tese que revolucionou os estudos lingüísticos contemporâneos: a língua não é aprendida, mas adquirida. Todos os seres humanos, segundo ele, já nascem predispostos para adquirir a linguagem verbal, característica que o distingue das demais espécies animais. Instaurava-se, assim, a concepção mentalista de linguagem, segundo a qual a língua, longe de ser fruto de uma convenção social, é o produto natural da organização da mente humana, ou seja, uma estrutura internalizada pelo falante, que possui predisposição inata para selecionar e fixar os parâmetros de variação da língua à qual é exposto. Em face disso, vê-se que, ao contrário do que muitos acreditavam, e como Chomsky o assinala muitas vezes, “o pensamento científico humanista ocidental tem uma extrema dificuldade em assumir que os produtos do pensamento (entre os quais a linguagem) passam a radicar na natureza biológica dos seres humanos tal como as estruturas anatômicas”(RAPOSO, 1992: 26), e por considerar esse último fato, a concepção racionalista de linguagem não nega a importância dos dados no processo de aquisição. Ela apenas argumenta contra a auto-suficiência deles para explicar, de forma satisfatória, a complexidade do fenômeno.

Partindo disso, pode-se afirmar que uma das principais contribuições de Chomsky (1997) para os estudos lingüísticos foi a descrição científica da *Faculdade da Linguagem*. Segundo ele, o cérebro humano possui um dispositivo inato, uma espécie de ‘órgão’ que o capacita a adquirir a linguagem. A esse dispositivo mental dotado de funções estritamente lingüísticas, Chomsky dá o nome de (‘Language Acquisition Device’, comumente abreviado or LAD)³. Para sustentar sua tese da existência da *Faculdade da Linguagem*, o lingüista vale-se, basicamente, de três sólidos argumentos: a) apenas a espécie humana adquire linguagem; b) a linguagem humana tem por base a propriedade da infinitude discreta; e c) há uma “pobreza de estímulos” ambiental durante o processo de aquisição. No que tange ao primeiro argumento, Chomsky alerta para a pertinência de se admitir a existência, no cérebro humano, de um diferencial biológico em relação as demais espécies, tendo em vista que nenhum outro animal, ainda que de convívio doméstico, adquire a propriedade de fazer uso da linguagem verbal. Apesar de alguns alegarem que o papagaio “fala”, Chomsky contra-argumenta que o uso que o papagaio faz da língua é bastante diferente daquele feito pela espécie humana, tendo em vista que o papagaio não é capaz de recorrer ao princípio da infinitude, que habilita a criança a produzir sentenças cada vez mais complexas a partir de usos simples. Segundo ele, “se a mente não possuísse já de antemão os princípios básicos” (CHOMSKY, 1997a, p. 50), a criança não seria capaz de adquirir a propriedade da infinitude discreta. Além disso, mesmo ficando exposta a dados lingüísticos irregulares, a frases ambíguas e a estruturas truncadas – o que ele chama de “pobreza de estímulo”⁴ –, a criança, por volta dos dois anos e meio, três anos, já adquiriu todas as estruturas de sua língua, sendo capaz de, a partir de um número finito de regras, produzir um número infinito de sentenças. Assim sendo, conclui que a faculdade da linguagem não só é única na espécie humana, como também é

³ A denominação adotada por Chomsky pode ser vista como uma metáfora da ‘máquina’ para o ‘órgão’ relacionado à aquisição da linguagem. Caso contrário, estamos defronte a uma noção mecanicista de tal aquisição.

comum a todos os seus membros, fato que corrobora a hipótese de que o mecanismo da linguagem é inato e biologicamente determinado.

A *Faculdade da Linguagem* pode ser esquematizada do seguinte modo:



Através do esquema acima, duas afirmações podem ser feitas: o estágio inicial da linguagem (**FL***) equivale a *Universal Grammar* (UG) e estágio final da linguagem (**FLf**) equivale a língua-l. Embora aparentemente primária, essas duas afirmações possuem fortes implicações. A primeira delas é que o estágio inicial do *Mecanismo de Aquisição da linguagem*, também conhecido como *Universal Grammar*. O emprego do adjetivo *universal* para se referir à predisposição para adquirir a gramática de uma língua deve-se à crença de que a capacidade de aquisição da linguagem verbal é comum à espécie humana, uma vez que todos os seres humanos, com exceção apenas daqueles portadores de patologias, adquirem uma língua e também à crença de que a criança pode adquirir qualquer língua humana, desde que seja exposta aos dados dessa língua. A segunda implicação diz respeito ao fato de o estágio final da faculdade da linguagem equivaler a língua-l, no sentido de que esta é um sistema cognitivo constituído por um repositório de conhecimentos sobre sons, significados e organização estrutural. Ela é o mecanismo responsável por gerar o conjunto infinito de expressões.

Na visão chomskyana, o estudo da linguagem está estritamente associado ao estudo da mente, em virtude do caráter cognitivo conferido à *Faculdade da Linguagem*. Segundo Chomsky (2002), essa faculdade humana, provavelmente, tem pelo menos dois componentes distintos: um sistema cognitivo, que guarda informações; e um sistema de performance, que faz uso dessas informações. O sistema performativo, segundo o autor, pode até mesmo ser atingido ou deteriorado, mas o sistema cognitivo, em contrapartida permanecerá indelével, devido ao seu estatuto de órgão biológico.

A mente humana, imprescindível para a *Faculdade da Linguagem* é concebida, na teoria gerativa, numa perspectiva dita modular, uma vez que 'a faculdade da linguagem não é um sistema homogêneo, mas sim o resultado da interação complexa entre os vários sistemas ou modelos autônomos de natureza diversa, caracterizados por regras e princípios específicos a cada um deles'(RAPOSO, 1992:15). Assim,

a faculdade da linguagem se encaixa dentro da arquitetura maior da mente/cérebro. Ela interage com outros sistemas, que impõe condições que a linguagem devem satisfazer se for para ser de todo estável. Estas podem ser pensadas como

⁴ Esse argumento vai de encontro à teoria proposta pela corrente comportamentalista, segundo a qual o domínio da língua é fruto de um processo de aprendizagem mediado por estímulo e resposta.

“condições de legibilidade”, no sentido que outros sistemas precisam ser capazes de “ler” as expressões da língua e delas fazer uso para o pensamento e a ação.(CHOMSKY, 1997, p.57)

Chomsky (1997), ao conferir à faculdade da linguagem o estatuto de órgão e conceber a aquisição da linguagem como resultado natural do processo de maturação desse órgão, adjunto à exposição dos dados, não exclui a possibilidade de interação do órgão da linguagem com as demais partes do corpo, conforme se vê no exerto supracitado. Outras partes do corpo podem também relacionar-se com a linguagem, ao mesmo tempo em que elementos da faculdade da linguagem podem ser envolvidos em outros aspectos da vida. É, segundo ele, o caráter modular da mente que permite o acesso ao sistema cognitivo da faculdade da linguagem, quando apenas para tal fim isso se fizer necessário.

Além de seu caráter inato, biológico e cognitivo, a faculdade da linguagem é concebida também como um sistema computacional de princípios largamente invariáveis. Chomsky chega a comparar o estágio inicial da faculdade da linguagem a uma “fiação fixa conectada a uma caixa de interruptores” (CHOMSKY, 1997a, p. 56). Segundo ele, os princípios (fiação) que regem as línguas são universais e as opções de combinação desses princípios (forma como os fios são conectados à caixa de interruptores) é que determinam as diversas línguas existentes.

QUADRO HISTÓRICO DA GRAMÁTICA GERATIVA

Como se pode perceber no item anterior, os estudos acerca da *Faculdade da Linguagem* deram uma nova moldura para os estudos acerca da linguagem. Esta moldura denomina-se Gramática Gerativa e ela surgiu, nos anos de 1950, em um período denominado ‘revolução cognitiva’ que enormemente contribuiu para os estudos da Gramática Gerativa, uma vez que até então, os estudos predominantemente privilegiavam o estudo do comportamento e seus “produtos”, passando para o estudo dos mecanismos internos que pressupõe o pensamento e a ação. A perspectiva cognitiva transforma o comportamento e seus produtos em dados que podem levantar evidências acerca dos mecanismos que operam ao executar ações e interpretar experiências. Dessa maneira, a perspectiva cognitiva se propõe a estudar o cérebro, seus estados e funções, levando o estudo da mente para uma eventual associação com as ciências biológicas⁵.

Esse contexto aliado ao avanço das ciências formais, de acordo com Chomsky (1997), forneceram conceitos adequados de uma maneira objetiva e nítida, possibilitando que fossem elaborados com precisão os princípios computacionais responsáveis por gerar as expressões de uma língua e capturar, ao menos parcialmente, a idéia de “uso infinito de meios finitos”.

A história da Gramática Gerativa pode ser dividida em três fases. A primeira delas apresenta ainda um caráter estruturalista. Seguem-se a Teoria Padrão e a Teoria Padrão Estendida. E em uma terceira e última fase tem-se Princípios e Parâmetros que, atualmente, apresenta o

⁵ Chomsky(1995) coloca que há um problema em relação às ciências biológicas: “Como é que um sistema como a linguagem humana pode surgir na mente/cérebro, ou mesmo no mundo orgânico, onde parece que não encontramos nada que tenha a ver com as propriedades básicas da linguagem?”(CHOMSKY, 1995:40). Nesse sentido, ele argumenta que este problema tem se constituído em uma crise para as ciências cognitivas, já que as ciências do cérebro e a biologia ainda não fornecem uma base sólida para determinadas conclusões sobre a linguagem que parecem bem estabelecidas.

Programa Minimalista, como uma alteração daquele. Ressalta-se que todas as três fases têm como meta a compreensão da *Faculdade da linguagem* e os estados que ela assume.

A primeira fase proposta pela Gramática Gerativa inicia-se com a publicação dos livros *Syntactic Structures* e *The logical structure of linguistic theory*, mas as idéias dessa fase ficaram conhecidas como a teoria da *Syntactic Structures*. Dentro dela, Chomsky (1997) coloca que a comunidade lingüística possui um conhecimento partilhado acerca da produção ou não de determinados enunciados e é justamente este conhecimento que precisa ser descrito e explicado pela teoria lingüística. Ao deslocar a questão da teoria lingüística para a determinação de regras, os *corpora* representativos deixam de ser o ponto de partida e passam a ser o ponto de chegada.

Para descrever o conhecimento implícito dos falantes dentro de um quadro de uma teoria explicativa, Chomsky (1997) anseia a construção de um aparato formal que seja capaz de descrever as regras de boa formação de qualquer língua e de relacioná-la a algum conjunto de princípios gerais. Para isso, o primeiro modelo de análise proposto por ele consiste em associar uma forma sofisticada de gramática de constituintes imediatos a um componente transformacional. Assim, esse modelo constitui-se de um componente que forma expressões e outro que transforma expressões⁶.

Apesar de apresentar limitações, a primeira fase da Gramática Gerativa foi a responsável por tornar o programa gerativo dominante na Lingüística e, devido a essas limitações, surge a teoria responsável por promover alterações significativas no modelo anterior, pois explicita alguns pontos que permaneceram obscuros. Uma dessas explicitações é a questão do inatismo como hipótese de trabalho, o desenvolvimento de teorias auxiliares que irão esclarecer o desempenho descritivo e explicativo do programa⁷, além do surgimento do conceito de estrutura profunda.

Para a Teoria Padrão, a gramática internalizada do falante é formada por três componentes: um gerativo, formado pelo componente que constrói representações, denominado *componente sintático* e dois interpretativos que associam representações entre si, denominados *componente semântico* e *componente fonológico*.

Uma gramática, segundo a visão de Chomsky (1997), é a união de sinais fonéticos às interpretações semânticas, através de um sistema de regras. Havendo, pois, um único componente gerativo (*componente sintático*), ele será considerado o componente central da gramática, porque seu papel é possibilitar as relações entre conteúdo semântico e a forma fonética das expressões.

Embora apresentasse solidez, a Teoria Padrão acabou recebendo duras críticas e tendo-as em vista, Chomsky (re)constrói a Teoria Padrão, denominando-a de Teoria Padrão Estendida na qual são incorporadas novas teorias, como a teoria X-barras e o redimensionamento do papel do léxico (os itens lexicais são considerados feixes de traços).

⁶“(…) a noção chomskyana de transformação mapeia a estrutura de uma sentença num determinado estágio derivacional em outra estrutura *da mesma sentença* obtendo um outro estágio derivacional.” (BORGES NETO, 2004: 109)

⁷ “Uma teoria genuína da linguagem humana precisa satisfazer duas condições: “adequação descritiva” e “adequação explicativa”. A gramática de uma língua particular satisfaz a condição de adequação descritiva na medida em que oferece uma descrição completa e minuciosa das propriedades da língua, ou seja, daquilo que o falante dessa língua sabe. Para satisfazer as condições de adequação explicativa, uma teoria de língua deve mostrar como cada língua particular pode ser derivada de um estado inicial uniforme sob as “condições-limite” impostas pela experiência.” (CHOMSKY, 1997: 55)

Na terceira fase da Gramática, chamada de Princípios e Parâmetros, nota-se um distanciamento em relação à tradição da Gramática Gerativa dos primeiros momentos, pois percebe-se a rejeição do conceito de regra e de construção gramatical. Para esse novo quadro teórico, esses dois conceitos passam a ser vistos sobre outro ponto de vista, ou seja, as construções gramaticais são tomadas como formas classificatórias, possíveis de serem utilizadas em descrições informais, mas não detentoras de valor teórico; ao passo que as regras tornam-se, por meio de decomposição, os princípios gerais da faculdade da linguagem, que ao interagirem dão como resultado as propriedades de expressão.

Os Princípios e Parâmetros colocam que a língua-l, teoricamente, pode ser esquematizada por dois tipos de especificação: intensional e extensional. A especificação intensional relaciona-se com os princípios e parâmetros da língua, ao passo que a especificação extensional volta-se para os níveis de representação lingüística, ou seja, as descrições estruturais(DE's). São quatro os níveis de representação simbólica: estrutura-D, estrutura-S, forma fonética (PF) e forma lógica(LF). Esse quatro níveis são responsáveis por captar propriedades diferentes das expressões lingüísticas de forma que a estrutura-D é a interface entre a derivação sintática e o léxico; a PF é a interface dos sistemas neuro-sensoriais e musculares da articulação e da percepção que fornece informações para o funcionamento de tais sistemas; a LF é a interface dos sistemas de pensamento que usam ou interpretam a linguagem; a estrutura-S é o nível de representação que trabalha com as operações do sistema computacional que repercutem foneticamente.

Sob essa perspectiva, entende-se, de acordo com a metáfora utilizada por Chomsky (1997) que o estado inicial da *Faculdade da linguagem*(aquisição da linguagem) apresenta-se como uma fiação fixa conectada a uma caixa de interruptores, sendo que a fiação representa os princípios da linguagem, enquanto que os interruptores constituem-se das opções a serem determinadas pela experiência⁸. Para tal, cada língua encontra-se identificada com um lugar particular das tomadas e aí que ocorre a fixação dos parâmetros. A aquisição da linguagem prevê que os parâmetros sejam fixados com base nas informações as quais as crianças estão expostas. Percebe-se que, para a fase dos Princípios e Parâmetros, a questão principal é descobrir e elucidar quais são os princípios e parâmetros e a forma como eles interagem, buscando incluir aí outros aspectos ainda não contemplados da língua em uso.

Entre final do século XX e início do século XXI, a teoria de Princípios e Parâmetros é utilizada para o estudo da sintaxe das línguas naturais. No entanto, o Programa Minimalista, um movimento da fase de Princípios e Parâmetros, vem também se configurando. Para esse programa é inegável que a língua possui som e significado, além disso, em termos representacionais, o Programa Minimalista trabalha somente com as formas fonética e lógica e para tal, Chomsky (1997) tenta redimensioná-las em termos de estrutura-D e estrutura-S. Decorre daí o fato de que a *Faculdade da linguagem* coloca em funcionamento outros sistemas da mente/cérebro em níveis de interface que se relacionam ao som e ao sentido. A interface que se relaciona ao som e ao sentido faz pensar em que medida os sistemas sensorio-motores têm especialização para a linguagem(som) e qual seria a relação entre linguagem e pensamento(sentido).

⁸ Embora Chomsky(1997) coloque que a exista um aspecto externamente determinado pela experiência individual, ele assume, em primeiro lugar, o aspecto internamente determinado e uniforme para toda a espécie.

O objetivo do Programa Minimalista é reorganizar a teoria de Princípios e Parâmetros, evitando postulações de entidades teóricas que não sejam conceitualmente necessárias. Além disso, o programa tenta esclarecer os fatos que foram tratados no nível da interface, uma vez que se considera que eles não foram bem descritos. Assim, esse programa quer mostrar que a língua envolve propriedades de som e significado; elementos constituídos a partir das unidades lexicais e as expressões constituídas a partir delas. A partir de então sabe-se que o sistema computacional que gera expressões apresenta uma operação que monta itens lexicais através de traços e outra que compõe objetos sintáticos maiores, iniciando por itens lexicais.

A partir do exposto, ao longo da história da Gramática Gerativa, a sua preocupação é em tomar os comportamentos lingüísticos efetivos como determinados por estados da mente/cérebro e que a natureza desses estados pode ser captada por sistemas computacionais responsáveis por formar e modificar tais representações.

CONCLUSÃO

Tendo levantado, ao longo do texto, a abordagem racionalista do estudo da linguagem e o percurso histórico de tal abordagem, conclui-se que a Gramática Gerativa tem como objetivo tomar os comportamentos lingüísticos efetivos como determinados por estados da mente/cérebro, e considerar que a natureza desses estados pode ser captada por sistemas computacionais, responsáveis por formar e modificar tais representações. Para isso, o programa gerativo visa a criação de sistemas computacionais que dêem conta do modelo do conhecimento lingüísticos dos falantes/ouvintes de uma determinada língua. Dentro desse quadro, um aspecto importantíssimo é o de o programa estar em constante evolução, buscando adequar suas teorias a esse objetivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES NETO, *O empreendimento gerativo*. IN: MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Christina (orgs). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004. Vol.3. 53-92.
- CHOMSKY, Noam. *Programa Minimalista*. Trad. Eduardo Paiva Raposo. Lisboa: Caminho, 1995.
- _____. *Novos Horizontes no Estudo da Linguagem*. In. *D.E.L.T.A.* vol. 13, n. especial, 1997a, p. 73-92.
- _____. *On nature and language*. New York: Cambridge University Press, 2002.
- RAPOSO, E. P. *Teoria da Gramática: A faculdade da Linguagem*. Caminho: Lisboa, 1992.
- SKINNER, B. F. *About behaviorism*. New York: Vintage Books, 1974.

Recebido em 01/07/2010.

Aceito em 31/07/2010.